

**UNIVERSIDADE TIRADENTES
PRÓ-REITORIA ADJUNTA DE GRADUAÇÃO
PROGRAMA ESPECIAL DE FORMAÇÃO PEDAGÓGICA PARA
PORTADORES DE DIPLOMA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR**



**A ARTE A AS POTENCIALIDADES NO PORTADOR DE
NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS**

Cíntia Moreira da Silva

**ARACAJU
2005**



Cíntia Moreira da Silva

**A ARTE A AS POTENCIALIDADES NO PORTADOR DE
NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS**

Monografia apresentada ao Programa Especial de Formação Pedagógica para Portadores de Diploma de Educação Superior da Universidade Tiradentes (PROFOPE/UNIT), como requisito parcial para obtenção do Certificado e Registro Profissional equivalentes à Licenciatura Plena em Artes, sob orientação da Prof^o. Msc. José Milton Menezes e Prof^o. Msc. Liliádia da Silva Oliveira Barreto.

ARACAJU
2005

**UNIVERSIDADE TIRADENTES
PRÓ-REITORIA ADJUNTA DE GRADUAÇÃO
PROGRAMA ESPECIAL DE FORMAÇÃO PEDAGÓGICA PARA PORTADORES DE
DIPLOMA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR**

O TCP intitulado **A ARTE E AS POTENCIALIDADES NO PORTADOR DE
NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS**, elaborado por **Cíntia Moreira da Silva** é
APROVADA com nota 10 (DEZ), em 22 de AGOSTO de 2005.

AVALIAÇÃO:

ORIENTAÇÃO DE TCP:

NOTA 10

PESQUISA EM EDUCAÇÃO III:

NOTA 1 10

NOTA 2 10

MÉDIA 10

MÉDIA FINAL DO TCP = 10

Prof. Msc. José Milton Meneses
Universidade Tiradentes

Prof. Msc. Liliádia da S. O. Barreto
Universidade Tiradentes

**ARACAJU
2005**

*Dedico aos meus alunos portadores de
Necessidades Educativas Especiais*

AGRADECIMENTO

À todos que direta ou indiretamente incentivaram-me, apoiaram-me e colaboraram com a minha participação no PROFOPE, na execução deste trabalho: familiares, colegas profissionais, amigos, professores, alunos e pais.

O que ainda me preocupa é a harmonia entre os homens, a confiança e o respeito que deve existir entre todos aqueles que, convivendo, constroem o presente e o futuro.

Gostaria de ver, nesse conjunto de pessoas – desde a portadora de deficiência mais profunda à mais talentosa, da mais desajustada à mais integrada – todas irmanadas e membros de uma só família, ajudando-se e respeitando-se mutuamente.

Helena Antipoff

RESUMO

As práticas educativas, que abordamos neste trabalho sobre Arte e sua criatividade surgiu das potencialidades do indivíduo portador de necessidades educativas especiais (PNEEs). Os problemas evidenciados na escola, na sala de aula e na comunidade escolar como a falta de material apropriado para o manuseio do aluno, espaço físico inadequado, com salas pequenas de pouca ventilação; escola localizada em bairro de classe média, com clientela de baixo poder aquisitivo, distante da comunidade a que pertence, nos levou aos seguintes procedimentos metodológicos deste trabalho: utilizamos subsídios através de pesquisa bibliográfica, e trabalhos artesanais ou artísticos, que nos respaldaram ao tema gerador e os alunos portadores de necessidades educativas especiais da Escola de Educação Especial “Prof. João Cardoso Nascimento Júnior”. Trabalhamos junto aos nossos alunos, usando de toda diversidade possível de materiais recicláveis (sucata), que poderiam ser manipulados pelas crianças, buscando em cada um, a criatividade, individualidade e sensibilidade existente, procurando adaptação de técnicas utilizadas em Arte, para a Educação Especial. A motivação para tudo isso, obtivemos com aulas explicativas, vídeos sobre Arte, visitas à Praças, Galeria de Arte, Oficina, Atelier e Museu. Os resultados são os mais positivos e otimistas para as potencialidades desses alunos. Para tanto, deve haver a valorização do ensino e do professor de Arte, com este trabalho monográfico, assim como o reconhecimento, as diferenças, ao respeito e viabilização da cidadania do portador de necessidades especiais no âmbito das linguagens artísticas. Logo, para compreendermos melhor a excepcionalidade ou deficiência, não basta sabermos o que significa, ou como estudá-la, analisá-la, avaliá-la cientificamente. É preciso integrar-se à ela, conviver,

pensar, compreender e aprender com suas diferenças, limitações, habilidades e compensações. Pois, o ensino artístico atingiu sua relevância quando da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases. Quanto à Educação Especial, desde os anos 30 no Brasil, a Arte vem desencadeando um relacionamento com o portador de necessidades educativas especiais, cada vez mais sólido e consistente. A desarticulação sobre conceituações teóricas no ensino de arte ao aluno deficiente e a aquisição pela Arte do papel de atividade prazerosa, muitas vezes considerada como um meio de inclusão, nos transporta, ao tema desta monografia, com a expectativa de poder contribuir com esta pesquisa bibliográfica e observações em sala de aula e escola especial, para outros colegas profissionais que acreditam na potencialidade do portador de deficiência ser instrumento importante para construção da aprendizagem e facilitador de integração e inclusão social.

PALAVRAS CHAVES: Artes, Potencialidades e Aluno.

ABSTRACT

Practical the educative ones, that we approach in this work on Art and its creativity appeared of the potentialities of the carrying individual of educative necessities special (PNEEs). The problems evidenced in the school, the classroom and the pertaining to school community as the lack of appropriate material for the manuscript of the pupil, inadequate physical space, with small rooms of little ventilation; school located in quarter of middle class, with clientele of low purchasing power, distant of the community the one that belongs, in took them to the following metodológicos procedures of this work: we use artisan or artistic subsidies through bibliographical research, and works, that in them the generating subject and the carrying pupils of educative necessities special of the School of Special Education "Prof. had endorsed to Cardoso João Birth Júnior". We work together to our pupils, using of all possible diversity of materials you recycle (scrap iron), that they could be manipulated by the children, searching in each one, the creativity, individuality and existing sensitivity, looking adaptation of techniques used in Art, for the Special Education. The motivation for everything this, we got with explicativas lessons, videos on Art, visits to the Squares, Gallery of Art, Workshop, Atelier and Museum. The results are most positive and optimistical for the potentialities of these pupils. For in such a way, it must have the valuation of the education and the professor of Art, with this monographic work, as well as the recognition, the differences, to the respect and viabilização of the citizenship of the carrier of special necessities in the scope of the artistic languages. Soon, to understand the excepcionalidade or deficiency better, is not enough to know what it means, or as to study it, to analyze it, to evaluate it cientificamente. It is necessary to combine it, to coexist, to think, to

understand and to learn with its differences, limitations, abilities and compensations. Therefore, artistic education reached its relevance when of the promulgation of the Law of Lines of direction and Bases. How much to the Special Education, since years 30 in Brazil, the Art comes unchaining a relationship with the carrier of special educative necessities, each more solid and consistent time. The disarticulation on theoretical conceptualizations in the education of art to the deficient pupil and the acquisition for the Art of the paper of pleasant activity, many times considered as a way of inclusion, in carries them, the subject of this monograph, with the expectation of being able to contribute with this bibliographical research and comments in classroom and special school, to other professional colleagues who believe the potentiality of the deficiency carrier to be important instrument for construction of the learning and facilitador of integration and social inclusion. WORDS KEYS: Arts, Potentialities and Pupil.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. A ARTE E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO ESPECIAL.....	19
3. FUNDAMENTAÇÃO DA DEFICIÊNCIA NO BRASIL E NO MUNDO.....	25
3.1 Escola de Educação Especial “Profº. João Cardoso Nascimento Júnior” – EEESP.....	31
CONCLUSÃO.....	38
REFERÊNCIAS.....	40
ANEXOS.....	41

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, as práticas educativas surgem de mobilizações sociais, pedagógicas, filosóficas e no caso de arte, também artísticas e estéticas que caracterizadas em seus diferentes momentos históricos, ajudam a compreender melhor a questão do processo educacional (FUSARI & FERRAZ, 1993).

Foi pensando sobre a questão das práticas educativas , que abordamos neste trabalho a Arte, sua criatividade surgida das potencialidades do indivíduo portador de necessidades educativas especiais (PNEEs).

Para compreendermos melhor a excepcionalidade ou deficiência, não basta sabermos o que significa, ou como estudá-la, analisá-la, avaliá-la cientificamente. É preciso integrar-se à ela, conviver, pensar, compreender e aprender com suas diferenças, limitações, habilidades e compensações.

O objetivo deste trabalho é garantir condições ao aluno portador de necessidades educativas especiais, evidenciar suas potencialidades e o respeito à diversidade, no âmbito das linguagens artísticas. Integrar a criança deficiente ao convívio social é dever da escola, da família e do estado como está na Constituição Federal (1988) e na Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 1996). Assim sendo, é importante que nosso aluno possa desenvolver a comunicação e a expressão pelo ensino de Arte; conhecer diferentes materiais e técnicas utilizadas; respeitar as

“diferenças” e ou limitações em atividades de grupo; sensibilizar o potencial artístico do alunado com visitas à praças, galerias e museus; promover a auto-confiança e o prazer através de atividades artísticas buscando minimizar os problemas existentes na escola, em sala de aula e despertar na comunidade escolar e fora desta, uma reflexão cultural, mostrando a força que o trabalho artístico desenvolvido com os PNEEs, enriquecem o potencial criativo e a auto-estima do nosso alunado proporcionando à todos pleno exercício da cidadania.

A capacidade produtiva, criativa do alunado PNEEs, à livre-expressão observada em seus trabalhos de Arte, a identificação com a disciplina, o sentimento de construir e ver com simplicidade e orgulho sua arte superando seus limites, foi nossa razão pela escolha desse tema. Nosso país, é de uma diversidade cultural inesgotável, que vai desde suas origens à festas, danças, crenças como também artigos surgidos do trabalho artesanal criativo.

No panorama do ensino e da aprendizagem da Arte no Brasil, encontramos versões da história do ensino de Arte, incluídas nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (do fundamental e do médio).

Ao conhecer a edição das Diretrizes Nacionais para a Educação Especial, o processo de implantação da Arte na Educação Inclusiva, sentimos o momento de aproximação dos educadores, para as questões relacionadas à Arte, realizada por pessoas com necessidades especiais.

Para os professores do ensino especial em vários estados brasileiros, essas questões sobre o ensino e a inclusão, foram recebidas como uma missão por todos, comprometidos com o alunado especial e sua aprendizagem, sabedores da Declaração Mundial de Educação para Todos, firmada em Jomtien, Tailândia, em 1990 e dos postulados de Salamanca em 1994, durante a Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais.

BOOTH (1997), em seus estudos diz que a perspectiva de inclusão, parte do princípio de que há diversidade dentro de grupos comuns e de que esta (diversidade) está vinculada ao desenvolvimento de uma educação comunitária obrigatória e universal. Tal perspectiva preocupa-se com incentivo à participação de todos e com a redução de todas as pressões excludentes.

È relevante sabermos que para cada deficiência, há um perfil diferenciado sobre outra. Quando lidamos com a deficiência mental (DM), a paciência, a compreensão da estruturação de seu pensamento e a sensibilidade é fundamental na parceria com a aprendizagem. Para o deficiente auditivo (DA) é o conhecimento e o domínio da linguagem das mãos ou língua de sinais (LIBRAS), a vibração como a propagação dos sons e a expressão corporal. Na deficiência visual (DV), temos que utilizar o BRAILLE – método de acesso à linguagem aos cegos, criado no século XIX pelo francês Luís Braille. Aos deficientes físicos (DF) ou motores, estabelecer vínculos entre pessoas, ambientes, sistematizando informações à partir de suas vivências, possibilitam superar desafios. Quanto a deficiência múltipla (DMu), conhecer as outras deficiências e saber com segurança, desenvolver ações na associação de duas ou mais deficiências fazendo uma reflexão sobre limites é imprescindível.

3

Muitas vezes rotulados como incapazes, acabam prejudicados na aprendizagem, na qual a Arte, pode exercer um papel de agente transformador, ativo e alusivo das potencialidades do portador de necessidades educativas especiais (PNEEs). É notório que a Arte pela sua flexibilidade de conteúdos interage com a habilidade e criatividade. Esse é o ponto chave para nós que atuamos em Educação Especial. A Arte e a capacidade criadora sempre estiveram intimamente ligadas. LOWENFELD (1970), nos mostra as várias conotações que podemos ter de criatividade segundo a quem a exponha: Criatividade significa flexibilidade de raciocínio ou fluência de idéias; ou também pode ser a capacidade de transmitir novas idéias ou de ver as coisas em novas relações; ou capacidade de pensar de forma diferente das outras pessoas. Diante de tantas hipóteses acreditamos que a criatividade seja um comportamento de produtividade, construção manifestada por ações e ou realizações principalmente no campo da Arte.

No contexto da inclusão social e da deficiência, muitas vezes a Arte, assume o papel de atividade prazerosa ou até considerada unicamente como meio de inclusão social, desconsiderando a possibilidade e potencialidade de ser instrumento na construção do conhecimento para a pessoa PNEEs. É, portanto, concebido à disciplina de Arte, elemento principal na qualidade de articuladora, na formação dessas pessoas, onde o sujeito participante de uma realidade contextualizada possa ser elemento importante na sua interação, socialização e profissionalização.

Quando os professores de Artes Visuais interagem em sua classe de aula, com alunos portadores de necessidades educativas especiais, é preciso que obtenham informações sobre o

quadro geral desse aluno: cuidados necessários, modos alternativos de comunicação, dentre outros. A partir do mapeamento de tais informações, os professores buscam construir estratégias por meio das quais os alunos podem, efetivamente, participar dos processos de construção de aprendizagem, experimentar meios alternativos de expressão, manipulando materiais, dentro de suas possibilidades, interagindo com o Teatro, Teatro de Fantoques ou Marionetes ou ainda o Teatro de Sombras e o uso da língua de sinais (LIBRAS - Lei nº10.436 / 2002) para os discentes não ouvintes, dentro das Atividades de Vida Diária (AVD) que em sua maioria expressam o cotidiano do aluno como também os deixam mais desinibidos para a comunicação e aprendizagem.

No cotidiano escolar da Escola de Educação Especial “Profº João Cardoso Nascimento Júnior” (EEESP), situada à rua Humberto Pinto s/n, Aracaju-SE, e que está vinculada a D.E.A (Diretoria de Educação de Aracaju), as dificuldades surgem da noite para o dia: os recursos materiais para as aulas são escassos; o planejamento pedagógico, por conta disso é prejudicado; as constantes interferências no processo ensino-aprendizagem por motivos de saúde de nossos alunos, tiram seus estímulos. Enfim, nossos professores, com objetivo de desenvolver as potencialidades do alunado especial para a aquisição da aprendizagem, promovendo a inclusão social, sentem-se de mãos atadas diante de tantas dificuldades.

Ao falarmos de inclusão, nos referimos à toda instituição social, desde a familiar até a do mundo do trabalho, dentre inúmeras razões, porque são compostas por grupos de pessoas; ou de que a inclusão só tem sentido ser pensada quando se consideram as exclusões presentes em dados contextos e em toda a sua relatividade; e por último, que apenas incluir não basta. É

preciso o exercício constante de descobrir fatores que num dado momento da história da instituição estejam atuando como excludentes e encará-lo com vistas a terminá-los ou, pelo menos minimizá-los. Pois bem, perguntamos agora, o que fazer? Como podemos estimular os alunos, as famílias, e a escola (EEESP) para a importância do ensino de Arte, sem a conotação de ocupar os alunos quando estão com horários ociosos? O que fazer com as salas inadequadas para nosso alunado de perfis diferenciados, entre uma e outra deficiência? Que tipo de sucata deve ser utilizada e manipulada por nossos alunos para facilitar os conteúdos pedagógicos? Estes são alguns dos problemas que encontramos não somente no ensino especial, mas sim, em todo o ensino público no Brasil, onde a educação enfrenta infortúnios econômicos característicos dos países em desenvolvimento. Sabe-se que o ambiente escolar representa o principal espaço de acesso a inclusão, para os portadores de necessidades educativas especiais.

A motivação em nosso alunado, por meio do ensino da Arte e nele, da Arte Visual, é imprescindível, e quando motivados pintam, desenham, procuram manipular qualquer tipo de material ou sucata, construindo belos trabalhos por onde podemos apreciar não uma grande obra de arte, mas uma manifestação de sensibilidade, alegria, que contribui para a formação equilibrada e harmoniosa da personalidade do aluno deficiente, da construção do aprendizado como também sua integração social.

Pela manifestação da Arte – a expressão plástica – podemos avaliar o grau de desenvolvimento e potencialidade do aluno, suas predisposições, seus sentimentos, além da capacidade criadora, melhorar o raciocínio, a imaginação, a percepção, atenção, concentração e domínio motor. O PNEEs tem o criar para si, tão natural quanto andar, correr. Diante de tais

observações é perceptível que o ensino de Arte proporcione experiências diversas, seja pela formação sócio-cultural, seja pelas condições biopsíquico-física e orgânica, seja pelas potencialidades expressivas e cognitivas.

Para os procedimentos metodológicos deste trabalho utilizamos subsídios através de pesquisa bibliográfica, e trabalhos artesanais ou artísticos, que nos respaldaram ao tema gerador e os alunos portadores de necessidades educativas especiais da Escola de Educação Especial “Prof. João Cardoso Nascimento Júnior”.

Trabalhamos junto aos nossos alunos, usando de toda diversidade possível de materiais recicláveis (sucata), que poderiam ser manipulados pelas crianças, buscando em cada um, a criatividade, individualidade e sensibilidade existente procurando à adaptação de técnicas utilizadas em Arte, para a Educação Especial. A motivação para tudo isso, obtivemos com aulas explicativas, vídeos sobre Arte, visitas à Praças, Galeria de Arte, Oficina, Atelier e Museu.

Este trabalho será composto em duas partes, com os seguintes temas: na primeira parte, abordaremos a história da Arte e sua relação com a Educação Especial; na segunda parte, trataremos sobre os deficientes e suas compensações na superação dos seus limites, pertencentes à EEESP “Profº João Cardoso Nascimento Júnior”, com apresentações de suas potencialidades nas atividades artísticas realizadas na escola.

CAPÍTULO I

2. A ARTE E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO ESPECIAL

Os movimentos culturais e suas relações com a Arte e a educação, foram de grande importância para nós desde o século XIX. Eventos culturais e artísticos, a criação da Escola de Belas Artes no Rio de Janeiro, a Missão Francesa e a presença de artistas europeus de renome, definiram nesse século a formação de profissionais de arte ao alto nível institucional (FUSARI & FERRAZ, 1993). O vínculo do ensino de Arte com a vida dos brasileiros, mostram algumas das tendências que tiveram grande influência no ano de 1816, com a Academia Imperial de Belas Artes onde instalou-se oficialmente o ensino artístico, seguindo os modelos europeus, que procurava atender à demanda de preparação e habilidades técnicas e gráficas, fundamentais à expansão industrial; o desenho era considerado a base de todas as artes tornando-se matéria obrigatória nos anos iniciais da Academia Imperial, porque achavam que o desenho poderia ser útil e despertar vocações no campo das indústrias solucionando positivamente o fator de desemprego.

Segundo BARBOSA (1990, p 39), no ensino primário, o desenho tinha por objetivos desenvolver as habilidades técnicas e o domínio da racionalidade, ou seja, nas famílias mais ricas as meninas eram preparadas com aulas de música, bordados, etc. Isso por que alguns aristocratas diziam que assim como nos Estados Unidos, as aulas de desenho ou artes era coisa de “moças

prendadas”. Em meados do século XX, tivemos como destaques: a Semana de Arte Moderna, nossa primeira grande renovação da Arte, em 1922; a criação de universidades por volta de 1930; o surgimento de Bienais em São Paulo a partir de 1951; os movimentos universitários voltados para a cultura popular nos anos 50 e 60; a contracultura nos anos 70; a constituição da Pós-Graduação em ensino de Arte e a mobilização profissional nos anos 80. Com isso, o ensino artístico vem sendo acompanhado desde a sua introdução até sua expansão por meio da educação formal e outras como Museus, Centros Culturais, Escolas de Arte, Conservatórios etc.

Para as correlações dos movimentos culturais com a Arte e com a educação em Arte não acontecem no vazio, nem desenraizada das práticas sociais vividas pela sociedade como um todo, pois são caracterizadas pela dinâmica social que interfere, modificando ou conservando as práticas vigentes. Isto podemos ver claramente com as manifestações populares culturais e seus enredos cotidianos que destacam sempre os principais fatos ocorridos ou que ocorrem, na vida política, social e econômica do povo de maneira irreverente e positivista.

De acordo com as transformações educacionais causadas pela aprovação e inclusão do ensino de arte no currículo escolar pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), com o título de Educação Artística, nas primeiras décadas do século XX, o ensino da Arte (desenho) nas escolas primárias e secundárias fazia analogia com o trabalho, valorizando o traço, o contorno e a repetição de modelos de ensino que vinham de fora do país. Diferentes autores marcam por seus escritos, os estudos dos professores de Arte firmando no Brasil a tendência da “Pedagogia Nova”. Destacam-se entre outros John Dewey e Viktor Lowenfeld, dos Estados Unidos, e Herbert Read, da Inglaterra. Os professores encaminhavam os conteúdos

através das atividades que seriam fixadas pela repetição e tinham por finalidade exercitar a vista, a mão, a inteligência, a memorização, o gosto e o senso moral.

Nesse momento, o ensino e aprendizagem de Arte concentram-se apenas na transmissão de conteúdos reprodutivista separando-se da realidade social e das diferenças individuais. O conhecimento continua centrado no professor que procura desenvolver em seus alunos habilidades e hábitos de precisão, organização e limpeza (FUSARI & FERRAZ, 1993). Surge então em 1930 o Movimento da Escola Nova (MEA), com ênfase na expressão. Um dado subjetivo e individual das atividades, que passam dos aspectos intelectuais para os afetivos. A preocupação com o método, com os alunos, seus interesses, sua espontaneidade e o processo de trabalho caracterizam uma pedagogia experimental, com fundamentos na Psicologia e na Biologia. Havia na época, a necessidade de democratizar a sociedade, romper o tradicional permitindo a livre-expressão, a inspiração e o respeito à individualidade.

Através do MEA, viu-se pela primeira vez a oportunidade de inclusão do portador de necessidades especiais. O ensino da arte agia como terapias para os alunos deficientes e seus feitos, eram avaliadas conforme suas emoções e habilidades para que se pudesse atingir um patamar relativo a escala do coeficiente intelectual, resultando em suas potencialidades.

Um dos que mais contribuiu neste período com suas idéias foi Herbert Read, com a defesa da expressão como meio de comunicação do pensamento; a observação, que registra na nossa memória às impressões do mundo e a apreciação como resposta aos modos de expressão e valores pelo indivíduo.

Os anos compreendidos entre 1920 e 1964 foram anos difíceis, recheados de inquietações políticas e vários rompimentos econômicos e culturais. Foi neste clima efervescente da história do Brasil, que nos anos 40/50 inspirado em Read um artista plástico pernambucano, Augusto Rodrigues, dá vida a um dos seus mais valiosos sonhos, ou seja, faz nascer a Escolinha de Arte do Brasil (EAB).

Este acontecimento tornou-se um marco, não apenas para o ensino da Arte em si, como para o ensino especial. Estava criada uma escola de arte voltada para a criança e o jovem na qual poderiam desenhar, pintar, dramatizar, dançar, etc. Era a valorização não só da brincadeira mas também da espontaneidade fundamentada numa pedagogia experimentalista, pois a Arte não fazia parte oficialmente do currículo escolar. A Escolinha de Arte do Brasil mostrou-se como um espaço aberto a inovações, à possibilidade de invenção e à criação do aluno, sem a preocupação de horários pré-estabelecidos. O aluno da EAB se sentia respeitado no seu próprio contexto, com sua forma peculiar de pensar e agir.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a idéia do “aprender fazendo” foi difundida pelo educador Anízio Teixeira e uma das inovações da EAB foi receber alunos com necessidades educativas especiais, dentro de uma proposta de caráter inclusivo, resgatando através da Arte, a motivação desses alunos para o aprendizado.

Augusto Rodrigues não ficou sozinho nesta luta. Aliaram-se à ele Noemia Varela, Helena Antipoff que em 1945 inaugura a Sociedade Pestalozzi do Brasil, no Rio de Janeiro e os

médicos psiquiatras Dr^o Ulisses Pernambucano e Dr^a Nise da Silveira. Todos difundiram através da Arte, que o portador de deficiência, não é incapaz e sim, tem limitações que devem ser acatadas. Suas produções artísticas apontam para habilidades nunca vista.

A partir de 1990, a professora Albertina Brasil, democratiza a Arte através do projeto Arte Sem Barreira, ampliando as variáveis de inclusão em uma visão holística, mostrando a capacidade ilimitada de excelentes artistas em suas grandes expressões.

Segundo G. Brenester em seu livro O Processo Criativo (1952): “Criatividade é um processo de mudança, de desenvolvimento e de evolução, na organização da vida subjetiva”.

As aptidões ocultas podem ser reveladas quando não se tem no primeiro momento, preocupação com a estética e o resultado final.

Sabe-se que Educar é preparar para a vida. E toda educação começa com o lúdico e a possibilidade de criar. Apesar de ter potencial intelectual, ou não, a pessoa com necessidades especiais, ou não, pode e deve comunicar-se através de suas múltiplas expressões, sejam elas verbais, gestuais ou artísticas.

O potencial criativo é inerente ao ser humano: na maior parte das vezes o que se precisa é oferecer oportunidades. Torna-se necessário, a reorganização de alguns conceitos, mas principalmente dinamizar a prática com ações mais reais e coerentes com o avanço educacional, mudando posturas segregativas e eliminando barreiras, oportunizando as potencialidades do

portador de necessidades educativas especiais com o ensino da Arte, contribuindo para o processo de inclusão.

CAPÍTULO II

3 FUNDAMENTAÇÃO DA DEFICIÊNCIA NO BRASIL E NO MUNDO

Segundo PATTON, PAYNE, BEIRNE-SMITH (1985), o percurso histórico das deficiências na humanidade são desde a Antiguidade, no período que corresponde até os anos de 1700. Nesta época, as pessoas deficientes eram tratadas como demônios, detentores de dons, poderes ou revelações divinas. Os comportamentos sociais em relação a essas pessoas eram de medo, rejeição, respeito ou admiração.

Durante a Renascença (1700 – 1860), a concepção dominante era de caráter natural e científico. Baseavam seus pressupostos na postura filosófica humanista. Conforme a história, o movimento renascentista valorizava os seres humanos e seu direito à oportunidades de desenvolver o máximo de suas potencialidades. Prevalencia a idéia de que todos foram criados dentro do princípio de igualdade, com direitos e respeitabilidade semelhantes. Esta forma de pensar, mudou a maneira de comportamento em relação as pessoas com necessidades especiais.

Locke, filósofo renascentista, trouxe para a educação, novas concepções pedagógicas alegando que era preciso suprir nos PNEs (Portadores de Necessidades Especiais), as carências de conhecimentos e idéias com a aquisição de experiências sensoriais para atingir os processos mais complexos do pensamento.

O campo da Educação Especial foi influenciado pelo Drº Jean Marc Itard (1774 – 1838), médico interessado nas idéias de outro filósofo renascentista chamado Rousseau que pregava “tudo o que provém da natureza é puro e imaculado, tudo que provém da sociedade é sujo e corrupto”. Itard trabalhou na educação de surdos com importantes pesquisas entre a fonação e a audição, a linguagem e o pensamento, a percepção e abstração, a cultura e a inteligência, a experiência e a criação. Após os estudos de Itard, os anos entre 1860 – 1890 caracterizaram-se pela decepção por uma mudança de atitude quanto à possibilidade de integração da pessoa com deficiência na comunidade. A segregação até então, ainda era mantida em hospitais e hospícios especializados. Foi criada neste período uma expectativa de “cura” que logo se desfez em relação a pessoas altamente comprometidas. A integração social não deu bons resultados e o clima geral era de pessimismo.

Por volta de 1890 à 1925, os portadores de deficiências eram tidos como “fracos de espírito” e que a sociedade teria que controlar os números de pessoas nascidas com esse problema por meio de seleção geracional e racial. Deu-se a este movimento o nome de “Eugênico” e uns dos cientistas que mais contribuiu com seus estudos sobre a hereditariedade, junto ao movimento Eugênico foi Mendel.

Alguns países na época, decretaram leis para a esterilização dessas pessoas com necessidades especiais. Os testes de inteligência, também colaboraram para o retrocesso quanto a integração, justificando a exclusão escolar e social de muitas pessoas.

No período da I e II Guerra Mundial (1925 – 1950), diante do grande número de soldados que sofriam com perturbações mentais, ausência de sentidos da visão ou audição e por perdas de membros amputados, houve a necessidade de viabilização dos serviços de reabilitação. Uma nova visão animou pesquisadores e estudiosos do assunto, com força e grande perspectiva para serviços próprios e especializados em reabilitação e em educação especial dos PNEs.

Nos anos seguinte, 1950 à 1960, revelou-se um tempo de mais aceitação sobre a deficiência. Após a II Grande Guerra, algumas descobertas científicas concorreram para novas idéias à respeito da deficiência. Descobriu-se o mecanismo da Fenilcetonúria, doença que provoca carências múltiplas com quadro clínico irreversível, à não ser que seja tratado tão logo for diagnosticado e com prescrição de dieta adequada por longos períodos.

Ampliaram-se os estudos especializados, as instituições próprias para esse tipo de atendimento e o sentimento de medo e rejeição foram dando lugar à tolerância e compaixão.

Entre os anos de 1960 à 1970, o Movimento dos Direitos Humanos nos países desenvolvidos e a influência sobre os demais, favoreceram as pesquisas multidisciplinares trazendo ao entendimento a integração e a inclusão para o PNEs.

No Brasil a sociedade tornou-se mais receptiva, Foram desenvolvidos em vários estados brasileiros, legislações locais que favoreceram o atendimento educacional especializado mas somente em instituições filantrópicas. Com a Constituição de 1988, que preconiza “atendimento

educacional especializado preferencialmente na rede regular de ensino” (art.208), o país evoluiu num grande salto quanto a educação dos portadores de necessidades especiais.

Na década de 90, observa-se a tentativa de democratização do ensino no país, ou seja, escola para todos considerando a inclusão dos alunos com necessidades especiais. Os direitos desses alunos estão assegurados com as políticas nacionais.

Em 1996, O Conselho Nacional de Educação (CNE) e a Câmara de Educação Básica (CEB) vinculadas ao Ministério de Educação (MEC), conforme a Resolução nº 2, institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (Lei 9394/96, arts.58 e 60), em que podemos ter uma clara visão do processo inclusivo ao que o Governo Federal estava propondo principalmente ao ensino público.

Pelas circunstâncias, após o art. 60, o parágrafo único da LDB (Lei de Diretrizes e Bases) dispõe à seguir: “O Poder Público adotará, como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com necessidades especiais na própria rede pública regular de ensino, independente do apoio às instituições previstas neste artigo.” Estas instituições a quais o artigo se refere são as instituições privadas sem fins lucrativos, especializadas e com atuação exclusiva em educação especial, que acabou por reforçar e fazer valer o art.213 da Constituição Federal onde se lê que “ os recursos públicos serão destinados às escolas públicas, podendo ser dirigidos a escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas”.

Ampliou-se com isso o número de espaços destinados a Educação Especial como também os vários profissionais dedicados a causa e aos estudos que sem dúvida iriam respaldar as teses já defendidas em relação ao potencial e a habilidade do PNEs em todo o país.

Como já dissemos anteriormente, a educação de portadores de necessidades educacionais especiais, está garantida na Constituição Federal de 1988 em seu artigo 208, inciso III, da Ordem Social na qual prevê o atendimento educacional especializado aos Portadores de Necessidades Educacionais Especiais, preferencialmente na rede regular de ensino. Reconhecendo a educação como direito e dever do estado e da família. A Educação Especial pauta-se ainda nos seguintes dispositivos legais:

Decreto nº3.298 / 99 que Regulamenta a Lei nº7.853 / 90 que dispõe sobre a Política Nacional para a Integração das pessoas PNEs;

Lei nº 8.069 /90 – Dispõe sobre os Direitos da Criança e do Adolescente – Resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de Setembro de 2001;

Política Nacional de Educação Especial – 1994 – Decreto nº 3.298 / 99 normatiza a integração, individualização, promovendo o desenvolvimento das potencialidades da pessoa PNEEs (Resolução CNE /CEB nº2, de 11 de Setembro de 2001);

Lei nº 10.098 / 00 – estabelece normas gerais, critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas PNEEs; (Resolução nº2, de 11 de Setembro de 2001).

O advento da preocupação com os direitos humanos contribui para o posicionamento das pessoas portadoras de necessidades educativas especiais (PNEEs) como seres com direito à vida, à liberdade, à saúde, à educação, à arte, ao lazer e ao trabalho.

A ideologia da exclusão vem sendo debatida e exercitada em vários países, inclusive o Brasil. A educação tem hoje, um grande desafio: garantir o acesso aos conteúdos básicos que a escolarização deve proporcionar a todos os indivíduos.

Todos nós somos diferentes uns dos outros, e é isso que vem a ser o aspecto central da diversidade que constitui qualquer sociedade.

3.1 ESCOLA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL “PROFº JOÃO CARDOSO NASCIMENTO JÚNIOR” - EEESP

A Escola de Educação Especial “Profº. João Cardoso Nascimento Júnior”, é integrante da rede estadual de ensino de Sergipe, localizada à rua Humberto Pinto Maia S/Nº, no bairro Grageru – Aracaju / Sergipe, foi criada pelo decreto nº10.313 de 07 de Março de 1989, denominado Centro de Educação Especial, para oferecer no campo da Educação Especial, a educação escolar de crianças portadoras de necessidades especiais na faixa etária de 0 à 12 anos. A partir da Resolução nº 226/CEE, de 18 de Dezembro de 2003, ficou alterado o nome de Centro de Educação Especial (CEESP) para Escola de Educação Especial “Profº. João Cardoso Nascimento Júnior” – EEESP, que funciona nos turnos matutino e vespertino com classes especiais atendendo uma clientela portadora de deficiência mental (DM), deficiência auditiva (DA), deficiência visual (DV), deficiência Múltipla (DMu), deficiência física (DF) ou motora, além de alunos com condutas típicas e autismo.

A EEESP “Profº. João Cardoso, atende atualmente, 165 alunos com as mais diversas patologias, conforme os dispositivos legais da LDB, Secretaria Nacional de Educação Especial, Parâmetros Curriculares Nacionais e a Constituição Federal, capítulo Educação Especial, artigos 4º e 5º.

O Projeto Pedagógico fundamenta-se nos princípios gerais da Educação, contidos no Regimento Referencial das Escolas Públicas do Estado de Sergipe e, de modo específico, na Política Nacional de Educação Especial, que no momento está em fase de alteração devido a necessidade de

Adaptações Curriculares para a Educação Especial, dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Esse material didático-pedagógico intitulado “Adaptações Curriculares”, foram produzidos em ação conjunta com a Secretaria de Educação Fundamental e a Secretaria de Educação Especial, buscando subsidiar os professores brasileiros que atuam na Educação Especial, com estudos que compõe um conjunto dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, inserido na concepção da escola integradora defendida pelo Ministério da Educação (MEC).

O importante é que o sentido dessa adequação curricular proposta aos professores visa contribuir com a prática docente, com alterações a serem desencadeadas durante todo o processo de desenvolvimento dos conteúdos, no transcorrer de todas as avaliações, tratamento, organização do trabalho didático – pedagógico, favorecendo a aprendizagem dos alunos portadores de necessidades educativas especiais em todas as disciplinas referentes a educação básica e ao ensino fundamental assegurando à todos uma educação inclusiva e de qualidade.

O principal objetivo de todo o trabalho desenvolvido pelos educadores na EEESP, é oferecer à aprendizagem no PNEEs, o desenvolvimento de suas potencialidades para que o alunado possa ser participante no processo de inclusão, com valorização de sua auto-estima, socialização e cidadania, considerando e dando ênfase a atenção à diversidade, as capacidades intelectuais, habilidades, competências, interesses, motivações e o respeito entre todos.

Atuando como membro docente da EEESP desde 1989, inicialmente como integrante de equipe técnica por dois anos, e depois como professor de Artes em turma de deficiente múltiplo, verificou-se o despertar silencioso para o aprendizado dos alunos, através dos contos e cânticos de

roda que compõe o folclore brasileiro. O tempo era nosso aliado e o prazer pela Arte o melhor companheiro que nos auxiliava dia à dia. Os alunos iam nos descobrindo, como também a si próprios, seus familiares, colegas, objetos, música, cor, movimentos, etc... . Era visível a identificação das crianças deficientes múltiplos com a arte folclórica. Temos vasto campo através de datas comemorativas e das festas como as juninas, para explorarmos com a experimentação e o contato de materiais diversos a sensibilização dos alunos, que por outro lado, também nos oferecia a oportunidade de observarmos sua livre-expressão, individualidade e criação. Com o manuseio do barro, papelão, areia, tinta guache, retalhos de tecidos, cola e tantos outros materiais tipo sucata, os conteúdos disciplinares foram fixando-se em harmonia com a superação dos limites que a deficiência os impunha.

Mesmo sabendo que as técnicas usadas em arte visual teriam que ser adaptadas para nosso alunado especial e que novos desafios quanto à arte cênica na confecção de marionetes e fantoches também teriam que sofrer adequações, busca apoio com um professor, amigo e colaborador de todo o nosso trabalho, o Prof^o. José Augusto Barreto.

Segundo BELINK (1990, p 34), educar uma criança é integrar a sua personalidade dentro da sociedade, sem prejuízo do senso crítico, ou seja, quando ocorre o processo de maturação neurológica na criança, este se prolongará pelo resto de sua vida, juntamente com o amadurecimento constituindo a base da saúde mental, onde há harmonia entre o intelecto e as emoções. Se observarmos bem a maturação de uma criança com necessidades especiais, iremos perceber que na maioria das vezes, conforme a característica de sua deficiência, ela ocorre em um tempo muito diferente das crianças tidas normais. São mais visível as reações emocionais. A maturação surge em

harmonia inicialmente com o amadurecimento de seu cognitivo que de acordo com seu estado emocional, reage de forma inesperada em gesto, atitude, palavra, movimento ou olhar expressivo nunca antes demonstrado. Essa foi a reação tida pelos alunos da EEESP com a disciplina de arte. Aconteceu algo diferente com as crianças. A arte trouxe alegria, despertou potenciais adormecidos e revelou artistas criativos através da pintura, do teatro, da dança, da música e do artesanato.

Todas as atividades tiveram as orientações de José Augusto, principalmente o Teatro de Fantoches e Bonecos que contou com grande participação dos alunos deficientes auditivos (DA) e visuais (DV). Na dança, música, pintura e artesanato a participação foi de todos os portadores de necessidades especiais, seus professores e pais.

Pelo fato da aceitação da disciplina de arte pela comunidade escolar, aproveitamos para desenvolver um seminário onde era preciso inserir os funcionários administrativos e de apoio. A comunicação entre todos deveria transcorrer normalmente e isto não estava sendo possível devido ao desconhecimento da linguagem de sinais não só pelos alunos ouvintes como pelos funcionários e alguns professores que não lecionavam com os deficientes auditivos. Por uma semana desenvolveu-se trabalhos e atividades em classe e extra classe com apresentações de peça teatral intitulada O Sapo e a Cobra, com texto narrativo elaborado pela Prof^a Aglaé Fontes e Prof^o José Augusto, Teatro de Sombras com exploração da linguagem das mãos ou LIBRÁS – Língua de Sinais Brasileira, confecção de Murais, cartazes e boletim explicativo.

Foi um passo importante dentre tantos que iríamos dar, utilizando a arte e a potencialidade de nossos alunos. O aproveitamento foi amplo e acabaram por transformar a idéia de

um seminário em outros projetos de necessidades da escola segundo escolha de pais, alunos, professores e funcionários para que haja integração e conhecimentos de todos sobre a Educação Especial e a EEESP “Prof. João Cardoso Nascimento Júnior”.

O trabalho de arte continuou e nossas expectativas quanto a outros eventos e possíveis apresentações, renderam à todos muito esforço. Mas, os alunos mostraram mais uma vez que suas habilidades e competências estavam atingindo harmoniosamente com a valorização da auto-estima a maturação e que esta por sua vez refletia na saúde mental e emocional com progressos em alguns casos nunca ainda observados.

Nas aulas de Arte, sempre adaptá-se técnicas, seja para manuseio com argila, barro, tinta, pincéis, lápis, materiais de sucatas como plástico ou papelão, ou outro que não ofereçam perigo para os alunos com necessidades especiais.

O contato com a argila para os nossos alunos deficientes mentais (DM), deixou vir à tona um sentimento inicial de repugnância que aos poucos foi sendo substituído por todos com prazer e a cada bolinha ou rolinho que estava sendo feito. Surgia cobras, bolos, bois, bonecos etc... . Com o barro foi diferente. Talvez por ser mais claro que a argila ou de conhecimento de alguns alunos, todos meteram a mão na massa literalmente e outras criações apareceram: vasos, casa, árvores, pratos, canecas. A Euforia foi geral e da mesma forma que se produziam os objetos era trabalhado com os alunos o seu significado, utilidade, nome ou até mesmo operações matemáticas. Os alunos estavam recebendo um estímulo através de seu próprio trabalho e com isso acabavam superando limites que antes não pensavam em sequer tentar.

Os alunos com deficiência física (DF) ou motora adquiriram compensações no manuseio com carimbos feitos com legumes, pintura à dedo ou com bastão revestido de esponja na ponta para substituir os tradicionais pincéis, pois os espasmos musculares que os acompanham limitam seus movimentos e por vezes o invertem, em vez de pintar o lado direito de uma tela ou tecido esticado e preso no chão, terminam pintando a parte de cima ou de baixo.

O contato com a confecção de fantoches e as descobertas provocadas pela fantasia que era transmitida pela imaginação das crianças através do manuseio de sucata, enriqueceu o espírito de todos os envolvidos neste trabalho. Nossos alunos criavam histórias por mímicas ou gestos, expressões ou simplesmente um movimento. Aos que já adquiriram a fala, mesmo com dificuldade demonstraram desenvolvimento da organização do pensamento lógico. E com isso os bonecos passaram a ter nomes, freqüentar as aulas e participar de festas com toda a escola.

As atividades artísticas com música e o uso de instrumentos de percussão contagiaram até os mais inibidos e marcou também a sua importância no trabalho com os portadores de deficiência auditiva (DA). A vibração e a extensão das ondas sonoras davam ritmo ao compasso do som ouvido que eram sentidos pelos pés descalços dos alunos.

Registramos o interesse e a participação dos alunos deficientes visuais (DV), em todas as modalidades artísticas, destacando um maior empenho em modelagem com barro, argila e pintura com alto relevo onde o esboço do desenho era feito com isopor sobre tela, dando volume as figuras.

Os portadores de deficiência múltipla além de serem mais comprometidos, pois possuem uma deficiência associada a outra, não se sentiram menos favorecidos com o ensino de Arte. É preciso termos conhecimento sobre sua condição para traçar uma estratégia alternativa que possa desenvolver suas potencialidades. Diante de mais um desafio, notamos que os Teatros de Sombras, Fantoques e bonecos atraíram suas atenção e concentração, assim como os pequenos textos adaptados de histórias infantis, interpretada pelos inanimados atores mambembes. Passamos para esses alunos o contato e o propósito de manuseá-los.

O prazer de fazer e ao mesmo tempo aprender os estimulou a compensar suas limitações. As respostas a tudo que desenvolvemos vieram com a melhoria não só da auto-estima, mais o avanço na aprendizagem, a socialização, o respeito à individualidade, a confiança em si mesmo, a reaproximação da família, que otimista agora ajuda na parceria com a escola e o ensino da Arte, as potencialidades evidenciadas na criatividade dos portadores de necessidades educativas especiais para a integração e inclusão social através da educação.

CONCLUSÃO

A história sobre a educação e a educação especial, vem nos mostrando que é surpreendente como a diversidade do potencial criativo do PNEEs, ao ensino artístico contribuiu para a diminuição do sentimento segregacionista e excludente da sociedade.

Verificamos que a relação da Arte com a deficiência é acima de tudo terapêutica e que também reconhecidamente é uma articuladora entre o processo de integração e inclusão social. Mas, está na sociedade, nas escolas, nas leis que vigoram neste país a garantia de reconhecer as diferenças, respeitá-las condignamente e possibilitar o desenvolvimento da educação e o pleno exercício da cidadania aos portadores de necessidades especiais.

Quando esses alunos, portadores de deficiências, entram em contato com a Arte e todos os seus meios de expressões artísticas, são tomados por tal excitação que deixam transparecer toda sua emoção na atividade construída. Mesmo que as técnicas utilizadas em Arte para pintura, modelagens, música, dança, teatro e seja qual for a categoria, não permita adaptações, há sempre uma potencialidade se destacando no campo da educação especial.

Durante este trabalho monográfico, tivemos a constatação que como os alunos, ou os portadores de necessidades educativas especiais, não dispõem de oficinas de arte-educadoras nas escolas ou instituições, estas não passam de meras salas, pequenas e de poucas condições para o desenvolvimento adequado do ensino artístico e as pessoas deficientes acabam limitando e inibindo

seu potencial à livre-expressão. É importante ressaltar que o número de docentes capacitados para ensinar arte ao deficiente é muito inexpressivo.

As campanhas sobre o processo de inclusão, pela nova LDB e com agente facilitador o Governo Federal, via Ministério de Educação (MEC) tem antes de tudo de sensibilizar as escolas e as universidades para a causa do portador de necessidades e incluir em seus currículos a educação especial. É preciso que novos professores se formem com capacitação e sensibilização às deficiências e seu portador. Pois, o potencial do aluno quando descoberto pelo professor de arte que respeita a individualidade e diversidade em sala de aula, eleva não só ao aluno, mas á família, escola, valorização da auto-estima e a certeza de através da arte terá o reconhecimento e o direito de exercer à cidadania.

Concluindo este trabalho constatamos que para o acesso à pesquisa universitária e riqueza de conhecimento dos profissionais em formação, as bibliotecas nas unidades de ensino superior, precisam fornecer livros mais técnicos e específicos sobre a Educação Especial, Inclusiva e com abordagens a respeito do portador de necessidades especiais, suas diversidades patológicas e potencialidades adquirentes da superação e compensações sobre a deficiência apresentada.

Como sugestão para melhoria na formação de novos educadores em Arte, uma maior atenção por parte das direções universitárias à ampliação dos conteúdos acadêmicos em Arte, Arte-Educação, Educação Inclusiva e portadores de necessidades educativas especiais (PNEES).

REFERÊNCIAS

ARNHEIM, RUDOLF. **Arte e Percepção Visual: Uma Psicologia da visão criadora.** São Paulo: Pioneira, 1992.

ATACK, SALLY M. **Atividades Artísticas para Deficientes.** São Paulo: Papyrus, 1995.

BARBOSA, ANA MAE. **Teoria e Prática da Educação Artística.** São Paulo: Cultrix, 1995.

BALINKY, T e outros. **A Produção Cultural para Criança.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

CARVALHO, E. N. S de e MONTE, F. R. F. do. **A Educação Inclusiva de Portadores de Deficiência em Escolas Públicas.** Temas em Educação III. São Paulo: Universidade de São Carlos, 1995.

COORDENADORIA NACIONAL PARA INTEGRAÇÃO DE PESSOA PORTADORA DE DEFICIÊNCIA. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação.** Brasília: MAS / CORDE, 1994.

CADERNO DE TEXTO. **Educação, Arte, Inclusão – 1.** Rio de Janeiro: Funarte, 2002.

CADERNO DE TEXTO. **Educação, Arte, Inclusão – 2.** Rio de Janeiro: Funarte, 2003.

CAVALCANTI, ZÉLIA. **Arte na Sala de Aula.** Porto Alegre: Artmed, 1995.

GROSSI, ESTER. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação.** Rio de Janeiro, 1999.

FUSARI, MARIA R. e FERRAZ, MARIA H. **Arte na Educação Escolar.** São Paulo: Cortez, 1993.

FUSARI, MARIA R. e FERRAZ, MARIA H. **Metodologia do Ensino da Arte.** São Paulo: Cortez, 1992.

KIRK, S. e GALLAGHER, J. J. **Educação da Criança Excepcional.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

LOWENFELD, V e BRITAIN, W. L. **Desenvolvimento da Capacidade Criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Educação Inclusiva**. Brasília: MEC / SEESP, 2005.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Constituição Federal / 1988**. Brasília: MEC,

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Política Nacional da Educação Especial**. Brasília: MEC / SEESP, 1989.

PATTON, J., PAYNE, J. S. e BEIRNE – SMITH, M. **Retardo Mental**. São Paulo: Artes Médicas, 1990.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Artes**. Brasília: MEC / SEF, 1998.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. **Adaptações Curriculares – Estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais – PCN**. Brasília: MEC / SEESP / SEF, 1998.

ANEXOS



Deficientes múltiplos com fantoches



Deficientes múltiplos construção bumba meu boi



Deficiente Mental em atividade folclórica.



Bumba Meu Boi usado em atividades de classe



Festejos juninos-corpo docente EEEsp



Cartaz-bumba meu boi



Sala de aula-lendas folclórica



O sapo e a cobra - peça de teatro com alunos def.auditivos



O sapo-feito com papelão e tecido



Professor Augusto com alunos deficientes auditivos



Mural sobre o folclore



Mural-atividades e seminários realizados na EEEsp

